

# PERCEPÇÃO SOBRE ETARISMO SOFRIDO POR MÚSICOS NA VISÃO DE MULHERES IDOSAS MUSICISTAS DA CAPITAL DO BRASIL

**Paula Leite Antunes de Macedo**

ORCID [0009-0003-1146-9357](https://orcid.org/0009-0003-1146-9357)

**Gislane Ferreira de Melo**

ORCID [0000-0003-3551-5963](https://orcid.org/0000-0003-3551-5963)

Informação do artigo

Recebido: 26/09/2024

Revisto: 29/10/2024

Aceite: 30/11/2024



## RESUMO

O estudo teve como objetivo avaliar a percepção de mulheres idosas musicistas do Distrito Federal sobre a discriminação de idade sofrida por músicos. Foram realizadas cinco entrevistas com mulheres de renome no cenário da música popular da cidade, com média de idade igual  $64,8 \pm 2,95$  anos. A pesquisa, de caráter qualitativo, utilizou o método de histórias de vida. Os resultados indicaram a existência do etarismo na música de acordo com a percepção das entrevistadas, contribuindo para a segregação e a perpetuação de estereótipos. A falta de oportunidades de trabalho e a desvalorização dos musicistas em função dos declínios fisiológicos naturais foram temas recorrentes. Fora do meio musical, essa situação é acentuada pela mídia e sociedade que enaltecem e favorecem a performance energética e lucrativa, relegando grandes mestres ao anonimato. Em contraponto, há pessoas no meio empenhadas em resgatar e reverenciar as contribuições dos mais velhos. As participantes acreditam que o preconceito que sofrem é infundado, pois continuam a dedicar tempo e esforço ao ofício musical nessa fase de vida. Elas desejam ser reconhecidas pelo que são, e não por sua idade e sexo. Para elas, ser uma pessoa idosa e ainda ser mulher aumenta o preconceito, demonstrando a interseccionalidade entre esses fatores nesse ambiente. Conclui-se que, na percepção das participantes, o idadismo com relação aos músicos está presente em diferentes formas, sendo incentivado pela mídia e sociedade. O etarismo impacta negativamente a carreira dos músicos, em especial a das mulheres.

**Palavras-chave:** *envelhecimento; preconceito; artista; gênero; sociedade*

## INTRODUÇÃO

A população brasileira, a qual acompanha o ritmo mundial, envelhece de forma acelerada. Projeta-se que, em 2050, 80% da população com 60 anos ou mais estará localizada nos países em desenvolvimento. Isso demonstra que pensar no envelhecimento e nas suas diversas formas é um movimento urgente e necessário para que possamos lidar com vidas mais longas e para que possamos acrescentar vida aos anos (Pomi et. al., 2022; Fundação Dom Cabral - FDC, 2021).

A trajetória humana é composta de diversas fases, e em cada uma há desafios e conquistas. A velhice é um processo individual e heterogêneo, e traz consigo múltiplas necessidades, que variam desde as físicas até as mentais, passando por outras, como as de natureza educacionais, econômicas, culturais e psicossociais (Pomi et. al., 2022; França & Seidl, 2020; Netto, 2018).

Entre os desafios a serem enfrentados nessa fase da vida, o preconceito contra a pessoa idosa – etarismo, idadismo ou ageísmo – é um dos principais. De acordo com os autores clássicos do assunto, o etarismo consiste em práticas preconceituosas, comportamentos discriminatórios e crenças estereotipadas contra pessoas de idade avançada (Seidl & Hanashiro, 2021). A exclusão das pessoas idosas do convívio social, a ausência de oportunidades de trabalho e a prática de atos de violência são algumas das formas de atuação desse preconceito, o qual pode acarretar sérios danos à saúde física e mental (Pomi et. al., 2022).

O etarismo ocorre nos mais diversos contextos, podendo ser praticado por indivíduos ou instituições (Seidl & Hanashiro, 2021). Comparado a outras formas de preconceito, como o racismo e o sexismo, o preconceito etário é o que possui menor número de estudos e o que pode acometer a qualquer pessoa, indistintamente (Pomi et. al., 2022). Quando somado a ele estiverem presentes

outros tipos de preconceito e discriminação, estamos diante da interseccionalidade, cujo conceito originário da luta feminista negra é academicamente entendido como a análise do processo multifacetado que envolve a opressão simultânea (Kyrillos, 2020). Assim, as nuances do preconceito etário sofrido pelas mulheres merecem atenção.

Seguindo nesse raciocínio, historicamente no Brasil, as mulheres foram restritas ao ambiente privado e aos ofícios de cuidados da casa e da família, sendo impedidas de transitar livremente em ambientes ditos “masculinos” sem a devida autorização do pai ou marido. A existência da desigualdade de oportunidades de educação e de acesso ao mercado de trabalho e a subjugação da mulher ao homem faz com que a presença feminina na história possua registros quase que insignificantes (Rovai, 2017; Leite, 2017).

Essa situação não é diferente no campo da música. No Brasil, ao longo da história, as mulheres eram impedidas de transitar nos ambientes musicais da mesma forma que os homens, que sempre tiveram liberdade para tal. As mulheres ficaram à margem do fazer artístico, assim como em tantos outros campos da humanidade (Bruno, 2021). Taubkin (2007) nos exemplifica isso: de 400 violonistas em destaque em sua obra, apenas 23 eram mulheres. A luta e a falta de visibilidade feminina na história da música podem ser exemplificadas com a história de vida de Clara Schumann, pianista, compositora e concertista virtuose que, ao se casar com o músico Robert Schumann, lutou contra os preconceitos sociais para se manter ativa em seu ofício, mesmo com o casamento e seus oito filhos (Silva, 2008).

Atualmente as mulheres têm ocupado todas as áreas acadêmicas, exercendo cargos e funções até então tidos como masculinos e comprovando que competência e intelectualidade não têm a ver com sexo (Souza, 2016). Hoje elas também transitam

## Percepção sobre etarismo sofrido por músicos na visão de mulheres idosas musicistas da capital do Brasil

em ambientes até então impróprios para elas no campo da música (Bruno, 2021). Nos dias atuais, por exemplo, apesar de ainda haver mais homens violonistas ocupando as universidades federais, as mulheres estão também se unindo para tocar, compor e participar de projetos umas com as outras (Recôva, 2023).

Ainda sobre os aspectos da música, a cidade de Brasília, capital do Brasil, inaugurada em 21 de abril de 1960, possui uma característica bastante peculiar de ser uma produtora musical, para o Brasil e para o mundo. Diversos músicos saíram de lá e alçaram vôos mundo afora, garantindo reconhecimento e visibilidade em grande escala. Alguns fatores contribuíram para a grande produção musical de Brasília: o processo migratório de construção da cidade fez com que as pessoas que formaram a população de Brasília, advindas das diversas regiões do país, trouxessem em suas bagagens culturais suas próprias referências, contribuindo para a diversificação na produção musical da cidade; o plano urbanístico da cidade; a existência de instituições de ensino musical de excelência; as cenas musicais; e a herança cultural adquirida no meio familiar (Carvalho, 2015; Francisco, 2012).

No entanto, pouco se ouve falar, mas muito têm a contribuir para essa fama da cidade, dos artistas que por lá ficaram e continuaram a produzir a cultura tipicamente brasiliense. Chegaram à cidade ainda jovens, cheios de sonhos, fizeram suas vidas em Brasília, uma cidade ainda a ser construída, e quer seja por motivos pessoais, familiares, profissionais ou simplesmente pelo medo de ter uma tentativa frustrada de se lançar no mercado nacional, resolveram fincar suas raízes na própria cidade.

O cenário musical de Brasília não é diferente de outros locais no que se refere à falta de representatividade feminina, em especial daquelas que usufruem da fase da velhice atualmente. O

etarismo é um tema investigado em vários campos, sendo o objetivo do presente estudo avaliar a percepção sobre a discriminação de idade sofrida por músicos de acordo com a percepção de mulheres idosas musicistas do Distrito Federal.

### Métodos

A presente pesquisa é do tipo exploratória, a qual busca familiaridade e ampliação de temas pouco explorados, e descritiva, ao especificar características e comportamentos do grupo selecionado (Gil, 2022). O estudo possui uma abordagem qualitativa, utilizando para tal o método de histórias de vida.

A presente publicação é um recorte de pesquisa de doutorado, cuja coleta foi realizada entre 2023 e 2024. A população estudada foi de músicos idosos do Distrito Federal. Como critérios de inclusão, os músicos (homens e mulheres) deveriam ter 60 anos ou mais, ter estabelecido sua trajetória musical dentro do Distrito Federal, morar no Distrito Federal e ter como área de atuação a música popular. Os critérios de exclusão utilizados foram: estar sob efeito de álcool ou drogas no momento da entrevista, não estar no Distrito Federal no momento da coleta, visto que se tratava de uma entrevista presencial, e não completar todas as fases da pesquisa.

Foi utilizada a metodologia bola de neve que, em um primeiro momento, contou com a indicação de nomes feita por um professor da Escola de Música de Brasília. Cada entrevistado indicou outros nomes que entendiam ser importantes para a composição da amostra segundo os critérios de inclusão. Entendemos ser relevante registrar que houve grande dificuldade de encontrar mulheres que se enquadrassem nos critérios de inclusão para participar da pesquisa, fato esse que causou espanto entre os participantes.

No total, a amostra contou com 28 pessoas, incluindo homens e mulheres. Pela metodologia

utilizada, 7 mulheres foram indicadas, sendo que 5 foram entrevistadas, e é sobre a percepção dessas mulheres que trata o presente artigo. As outras duas não participaram por motivos de cuidados com a própria saúde ou com a de familiares.

Foram realizadas entrevistas semiestruturadas e aplicados questionários sociodemográficos com todas as participantes. Para a análise dos dados qualitativos, foi realizada análise de conteúdo de Bardin, a qual consiste em uma técnica de pesquisa qualitativa de organização do conteúdo de um conjunto de dados, como entrevistas ou textos, em categorias que permitam identificar temas ou padrões (Bardin, 2011).

Esta pesquisa foi apreciada pelo Comitê de Ética em Pesquisa – CEP da Universidade Católica de Brasília – UCB, e o parecer consubstanciado emitido em 25 de junho de 2023, sob o CAAE (Certificado de Apresentação para Apreciação Ética) nº 68816123.7.0000.0029, estando de acordo com as normas estabelecidas pela Resolução Nº CNS 466/12.

## RESULTADOS

Em um primeiro momento, foi feita uma análise das respostas dadas ao questionário sociodemográfico, a fim de verificar o perfil da amostra. As mulheres entrevistadas tinham entre 60 e 68 anos, e a média de idade foi igual a 64,80 ± 2,95 anos. Esse grupo compreende em uma mulher nascida no estado da Paraíba, situado no nordeste do Brasil, uma mulher nascida no estado de São Paulo e três do Rio de Janeiro, ambos estados localizados no Sudeste do país. Essa amostra está assim descrita:

**Tabela 1**  
*Dados descritivos da amostra*

Variáveis		N	%
Cor ou Raça	Branca	3	60
	Preta	1	20
	Não respondeu	1	20
Estado Civil	Solteira	1	20
	Casada	2	40
	União estável	2	40
Residência	Sozinha	2	40
	Cônjuge	1	20
	Cônjuge e filho	1	20
	Cônjuge e amiga	1	20
Escolaridade	Ensino Médio completo	1	20
	Superior completo	1	20
	Especialização	2	40
	Mestrado	1	20
Renda Individual Líquida	7 a 9 salários-mínimos	1	20
	A partir de 10 salários-mínimos	4	80
Renda Familiar Líquida	7 a 9 salários-mínimos	1	20
	A partir de 10 salários-mínimos	4	80
Tem filhos(as)?	Sim	4	80
	Não	1	20
Tem netos(as)?	Sim	4	80
	Não	1	20

Fonte: Banco de dados da pesquisa  
Elaboração da autora

As mulheres entrevistadas são predominantemente brancas (60%), casadas ou vivem em união estável (80%), possuem no mínimo Ensino Superior completo (80%), sendo que a maioria possui pós-graduação *lato sensu* ou *stricto sensu* (60%). Suas rendas individuais e familiares líquidas são a partir de 10 salários-mínimos (80%), e trata-se de mães e avós (80%). Em relação à carreira musical dessas mulheres entrevistadas, a Tabela 2 a seguir descreve alguns dados pertinentes. Para preservar a identidade das participantes, elas receberam nomes fictícios, os quais são: 1 – Clarineta (65 anos); 2 – Marimba (68 anos); 3 – Rabeca (65 anos); 4 – Viola (60 anos); 5 – Zabumba (66 anos).

**Tabela 2**  
*Dados descritivos da carreira musical da amostra*

Entrevistada	Canta	Compõe	Toca instrumentos
Clarineta	Sim	Não	Não
Marimba	Não	Não	Sim
Rabeca	Sim	Sim	Não
Viola	Sim	Não	Sim
Zabumba	Sim	Sim	Sim

Fonte: Banco de dados da pesquisa  
Elaboração da autora

Quanto a esse quesito, 100% delas continuam na ativa na música, sendo que uma está atuando apenas como pesquisadora da área e as outras em seus campos de atuação cotidianos, como cantar, tocar instrumentos e compor. Da amostra, 40% são apenas cantoras e não tocam nenhum

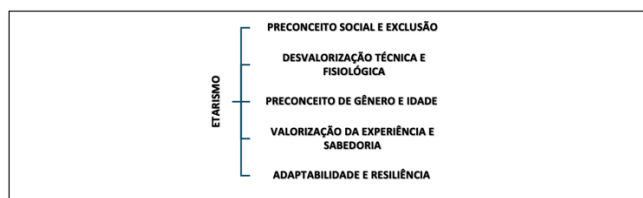
## Percepção sobre etarismo sofrido por músicos na visão de mulheres idosas musicistas da capital do Brasil

instrumento, enquanto 20% é apenas instrumentista. Entre as duas compositoras, uma é cantora e outra é cantora e multi-instrumentista.

Em um segundo momento, durante as entrevistas semiestruturadas, perguntou-se a essas mulheres: você acredita que o processo de envelhecimento de músicos faz com que sofram preconceito e discriminação? Com as respostas obtidas, foi realizada a análise de conteúdo de Bardin, a qual culminou nas seguintes categorias em torno da temática central deste estudo: a percepção do etarismo no campo musical de acordo com mulheres musicistas do Distrito Federal.

### Quadro 1

#### Organograma das categorias avaliadas



Fonte: Banco de dados da pesquisa  
Elaboração da autora

### Discussão

Ao analisarmos o perfil da amostra, a maioria é casada ou vive em união estável. Aqui, verifica-se uma conformidade com o que é comumente esperado de uma mulher na sociedade patriarcal. O fato de também serem mães e avós concede a essas mulheres a multiplicidade de papéis e tarefas que exerceram e exercem ao longo de todas as suas vidas. Isso, somado ao trabalho remunerado, que coincide ou não com a carreira musical, pode ser um grande indicativo das razões de haver poucas representantes nesse grupo. No entanto, essas mulheres continuam ativas na música, o que nos indica a importância que essa função ocupa em suas vidas até hoje, momento em que vivem a fase da velhice. Isso é um ato de resistência e resiliência.

Embora haja um fenômeno demarcado de feminização do envelhecimento, em que as mulheres representam maior percentual da população idosa e maior expectativa de vida (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística -

IBGE, 2019), a amostra analisada demonstra um movimento contrário no ambiente musical, em que representam a minoria do total de entrevistados. Nesse sentido, verifica-se também um alto grau de escolaridade e de renda dessas mulheres, acima da média dos habitantes do Brasil, uma vez que somente 21,4% da população acima de 25 anos possui nível superior ou pós-graduação completos (IBGE, 2019).

A trajetória de vida das mulheres em geral é feita de discriminações e de falta de oportunidades, o que justifica as mulheres maduras serem mais pobres que os homens (FDC, 2021). No entanto, o fato de 80% da amostra ser aposentada do serviço público, o qual necessita de formação superior completa para ingresso por meio de concurso público e que estabelece vínculos de estabilidade empregatícia, podem ser um dos fatores que distanciam essas mulheres da realidade da maioria. Esses dois aspectos, escolaridade e renda, quando relacionados às mulheres da amostra, nos levam a perceber que, para conseguirem destaque no ramo e prover a subsistência de suas famílias por meio desse ofício, foi preciso um empenho além da dedicação à prática musical, incluindo também a educação e formação para colocação no mercado de trabalho. Além disso, a estabilidade no serviço público se torna extremamente atrativa para a segurança financeira e familiar dessas mulheres, “mães de família”.

O grande número de cantoras (80%), sendo que metade dessas não toca nenhum instrumento, reflete uma homogeneização no campo da música, em que o número de mulheres instrumentistas é escasso e que a elas era admitido apenas transitar no canto, visto que para um homem alcançar seus timbres seria uma tarefa árdua (Recôva, 2023; Bruno, 2021). A seguir, faremos a análise de cada uma das categorias geradas em relação à percepção dessas mulheres, que de forma unânime afirmaram existir preconceitos com relação aos músicos idosos em geral, incluindo homens e mulheres, sendo essa uma prática que contribui

para a segregação e a perpetuação de estereótipos. Essa discussão será por meio de discussões teóricas, exemplos e percepções individuais, como as a seguir:

*"O preconceito de idade, com certeza... Aquele cara que fala: seu tempo já passou." (Clarinetista – 65 anos)*

*"Sim, sim. Isso só para os que não têm fama ou pros que têm fama! A gente vê, presencia isso diariamente!" (Zabumba – 66 anos)*

### 1. Preconceito social e exclusão

Essa primeira categoria engloba as falas que indicam que os músicos mais velhos sofrem exclusão social, a qual envolve o reconhecimento de que o envelhecimento pode resultar em uma retirada forçada dos espaços sociais e culturais. Essa exclusão pode ocorrer por preconceito gerado pela sociedade, sendo acentuada pela mídia e sociedade que enaltecem a performance energética, dando maior visibilidade àqueles que geram maior lucro e tornando grandes mestres simples desconhecidos.

*"Músicos sofrem, sim, com a velhice. Sofrem, e a tendência de todos nós é menosprezar aquele que está bem mais velho do que você. Por que que ainda vai subir no palco? É difícil, muito difícil." (Marimba, 68 anos)*

*"Temos músicos fantásticos que essa geração nova não sabe quem é... João Bosco está extremamente atuante ainda, mas ninguém sabe quem é! [...] Infelizmente, existe ainda um preconceito na mídia, que as coisas são muito rápidas, então eles querem colocar o que está bombando, o que vai dar de retorno. Então, o que a gente tem de bom fica embaixo da gaveta" (Zabumba, 66 anos).*

A exclusão social também pode ocorrer pela autopercepção negativa dos próprios músicos, em que eles próprios se recolhem e se privam de interações sociais por acreditarem não ter capacidade para tal. Essa visão pode impactar a

confiança e a disposição para interações sociais, levando indivíduos a se isolarem (Pomi et. al., 2022).

*"As pessoas da nossa idade, elas acham que elas não têm mais direito, elas também se recolhem." (Clarinetista, 65 anos)*

### 2. Desvalorização técnica e fisiológica

Essa categoria trata da percepção de perda de habilidades técnicas devido ao envelhecimento. A discriminação aparece na ideia de que músicos mais velhos, principalmente instrumentistas, não são mais capazes de manter o mesmo nível técnico por razões fisiológicas, o que os torna alvos de preconceito e desvalorização.

*"A produção do som, ela se ressentida da idade por uma capacidade fisiológica... A embocadura, tudo isso vai deixando de ficar firme... eu posso imaginar que tormento que é você não conseguir afinar o seu instrumento, por exemplo. Que é a primeira coisa que se perde. Então, é difícil." (Marimba, 68 anos)*

A perda ou a manutenção das capacidades funcionais na velhice é um processo que pode acometer a pessoa idosa. Ele se relaciona não apenas com o avançar da idade, mas também com o estilo de vida da pessoa, o qual abrange socialização, práticas de lazer, nível de escolaridade e de renda, cognição e condições de saúde física (Sant'Helena, Silva & Gonçalves, 2020).

A ode à juventude como objeto de desejo relacionado à potência e ao sucesso revela atitudes preconceituosas com músicos idosos. Essa perspectiva associa a aparência física à fragilidade, transmitindo uma conotação desrespeitosa e ofensiva sobre a capacidade física e intelectual dos mais velhos (Pomi, et. al., 2022; Azevedo, 2019).

*"A linguagem é muito dinâmica, os estilos mudam, tem algumas coisas que parece que o mundo cada vez mais exige que é, por exemplo, você ter uma performance muito energética, e você se vire para poder captar a sua audiência, que você seja capaz de exercer aquele domínio*

*de um público. E que, quando as coisas parecem que vão ficando mais sutis e que elas são mais concisas, parece que tem uma parte do mundo que não valoriza isso.” (Viola, 60 anos)*

### 3. Preconceito de gênero e idade

Essa categoria aborda o preconceito relacionado à interseção entre esses dois fatores. Musicistas mais velhas relatam uma barreira dupla, sendo marginalizadas tanto por sua idade quanto por ser mulher, mesmo que sua experiência e talento sejam reconhecidos em outros níveis. Para elas, mulheres sofrem preconceito ainda maior em função do gênero, manifestado pela falta de oportunidades de trabalho e de parcerias, por exemplo.

*“Por ser mulher, por ser mais velha agora, nos últimos 10, 15 anos, quando as pessoas já me olharam como uma senhora. [...] Essa parte de ser mais velha é muito interessante porque todo mundo te admira. Todo mundo te fala: eu quero ser como você! Mas não te dá trabalho, não abre as portas, não te convida, não faz parceria com você.” (Rabeca, 65 anos)*

*“Eu acho que isso de alguma maneira, em relação às mulheres, eu acho que acontece mais” (Viola, 60 anos)*

*“Acho que mais pelo fato de ser mulher, e as portas, elas se abrem relativamente para mulher. Não é só de acordo com o seu talento.” (Zambumba, 66 anos)*

Infelizmente, essa categoria está de acordo com a realidade de muitas. O idadismo, associado ao machismo, transforma-se em um drama para as mulheres, que são cobradas ao longo de toda a sua vida por suas aparências físicas, inclusive na velhice. No campo do trabalho, especialmente, a colocação das mulheres é ainda mais difícil que a dos homens (Pomi et. al., 2022).

A interseccionalidade nesse caso atua de forma impiedosa. Mesmo essas mulheres reconhecendo o declínio fisiológico, continuam atuantes e acreditam que a história de vida que

construíram deve ser valorizada. O preconceito que sofrem é infundado, visto que a preparação e dedicação de tempo ao ofício musical é extremamente presente nessa fase. Seu desejo é de serem reconhecidas pelo que são, e não por sua idade e sexo.

*“E as pessoas mais velhas, elas já têm uma vivência. Então, além do material mais sólido, mais amadurecido, elas têm também experiências para trazer. Então eu gostaria de ser vista pelo que eu sou e não pela idade que eu tenho, pelo sexo que eu tenho.” (Rabeca, 65 anos)*

### 4. Valorização da experiência e sabedoria

Essa categoria demonstra que, apesar do idadismo, há um reconhecimento, em certas esferas, da experiência e da sabedoria que músicos mais velhos trazem. Isso é especialmente válido em contextos em que a "ancestralidade" ou a tradição musical é valorizada. Há indícios de transformação, com pessoas empenhadas em resgatar as contribuições dos mais velhos e de reverenciá-las.

*“Eu respeito o número baixo... Sempre vou reverenciar quem vem na frente.” (Rabeca, 65 anos)*

*“Eu acho que existe uma valorização da bagagem que essa pessoa recebeu.” (Viola, 60 anos)*

A experiência entre os pares é valorizada no grupo, mas externamente não. Isso pode se caracterizar como um movimento natural em que o preconceito existe com relação ao que é desconhecido (Efron & Knowles, 2015).

*“Entre os músicos, eu acho que a experiência dos músicos mais velhos é valorizada.” (Viola, 60 anos)*

*“Existe uma ingratidão com relação a isso, músicos mais velhos com experiência são esquecidos.” (Zabumba, 66 anos)*

## 5. Adaptabilidade e resiliência

A última categoria reflete a capacidade de adaptação e resiliência dos músicos mais velhos diante dos desafios do envelhecimento e do preconceito. A resposta mostra uma disposição ativa para continuar aprendendo, se reinventando e persistindo no mercado, apesar das dificuldades impostas pela idade, o que demonstra que o conceito de resiliência está presente no cotidiano dessas mulheres (Günther & Borges, 2014).

*“Eu adoro fazer cursinhos... manter a curiosidade de conhecimento.” (Clarinetista, 65 anos)*

*“Continuo correndo atrás para encher uma casa, continuo trabalhando como trabalhava.” (Rabeca, 65 anos)*

*“Você tem que se virar para captar a sua audiência.” (Viola, 60 anos)*

### Conclusão

O idadismo com relação aos músicos está presente em diferentes formas: há um preconceito social, técnico e institucional contra esses artistas idosos, que se manifesta em barreiras à inserção no mercado e ao reconhecimento. A perda de habilidades fisiológicas que podem afetar a performance acentua as manifestações de preconceito que os músicos sofrem em função da idade. Mulheres mais velhas enfrentam discriminação adicional devido ao gênero, além do idadismo, dificultando ainda mais sua visibilidade e sucesso. Porém, conseguem se adaptar às novas condições e continuam ativas, o que requer esforço contínuo e constante adaptação, além de uma persistência que nem sempre é reconhecida ou recompensada.

Portanto, a percepção das mulheres idosas musicistas do Distrito Federal é a de que o envelhecimento impacta negativamente a carreira dos músicos no Distrito Federal, em especial a das mulheres. O idadismo se manifesta de diferentes formas, principalmente

no preconceito contra a capacidade técnica, nas oportunidades de trabalho e no reconhecimento do mercado. O etarismo está presente no meio musical e é incentivado pela mídia e sociedade. Esse é um assunto pouco explorado, sendo o reconhecimento de sua existência de suma importância para a formulação de políticas de combate à sua prática na busca de um mundo mais justo e inclusivo.

### Referências

- Azevedo, C. D. (2019). Envelhecer na contemporaneidade: Dos modelos e das resistências. In Á. S. Barroso et al. (Orgs.), *Diálogos interdisciplinares do envelhecimento*. Edições Hipótese.
- Bardin, L. (2011). *Análise de conteúdo*. Edições 70.
- Bruno, L. (2021). *Canto de rainhas: O poder das mulheres que escreveram a história do samba* (1ª ed.). Agir.
- Carvalho, G. P. (2015). Identidade, cultura e música em Brasília. *Ciências Sociais Unisinos*, 51(1), 10-18.
- Coelho, M. Q. (Coord.). (2021). *FDC longevidade: Sociedade* (FDC Longevidade, 3). Fundação Dom Cabral; Unimed Minas Gerais; Hype 50+.
- Effron, D.A. & Knowles, E.D (2015). Entitativity and intergroup bias: How belonging to a cohesive group allows people to express their prejudices. *Journal of Personality Social Psychology*, 108(2):234-53.
- França, L. H. F. P., & Seidl, J. (2020). Ageismo. In M. L. G. Schmidt (Org.), *Dicionário temático de saúde/doença mental no trabalho: Principais conceitos e terminologias* (pp. 35-37). Editora FiloCzar.
- Francisco, S. (2012). *Da poeira à eletricidade*. Instituto Terceiro Setor.
- Gil, A. C. (2022). *Como elaborar projetos de pesquisa* (7ª ed.). Atlas.
- Günther, I. A., & Borges, L. M. B. (2014). Modelos teóricos que fundamentam os programas de preparação para aposentadoria.

## Percepção sobre etarismo sofrido por músicos na visão de mulheres idosas musicistas da capital do Brasil

In S. G. Murta, C. Leandro-França, & J. Seidl (Orgs.), *Programas de educação para aposentadoria: Como planejar, implementar e avaliar* (pp. 37-53). Synopsus.

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (2019). Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua. Notas técnicas.

Kyrillos, G. M. (2020). Uma análise crítica sobre os antecedentes da interseccionalidade. *Revista Estudos Feministas*, 28(1), e56509. <https://doi.org/10.1590/1806-9584-2020v28n156509>

Leite, M. Paula (2017). Gênero e trabalho no Brasil: os desafios da desigualdade. *Revista Ciências do Trabalho*, (8), 55-78.

Netto, M. P. (2018). Estudo da velhice: Histórico, definição do campo e termos básicos. In E. V. de Freitas & L. Py (Orgs.), *Tratado de geriatria e gerontologia* (4ª ed.). Guanabara Koogan.

Pomi, C. et al. (2022, julho). *Guia de boas práticas de combate ao etarismo*. Movimento Atualiza.

Recôva, S. L. (2023). *Vozes dedilhadas: Histórias e trajetórias de vida e docência universitária de mulheres violonistas brasileiras (1976-2023)* [Tese de doutorado, Universidade de Brasília]. <https://repositorio.unb.br/handle/10482/41107>

Rovai, M. G. de O. (Org.). (2017). *História oral e história das mulheres: Rompendo silenciamentos*. Letra e Voz

Sant'Helena, D. P., Silva, P. C. da, & Gonçalves, A. K. (2020). Capacidade funcional e atividades da vida diária no envelhecimento. In E. C. Sampaio (Org.), *Envelhecimento humano: Desafios contemporâneos* (Vol. 1, pp. 204-218). Científica Digital.

Seidl, J., & Hanashiro, D. M. M. (2021). Etarismo e gestão da diversidade etária: Conceitos e escalas. In M. H. Antunes, S. M. T. Boehs, & A. B. Costa (Orgs.), *Trabalho, maturidade e aposentadoria: Estudos e intervenções* (pp. 49-66). Vetor Editora.

Silva, E. M. A. M. da. (2008). *Clara Schumann: Compositora x mulher de compositor* [Dissertação de mestrado, Universidade de São

Paulo].

<https://doi.org/10.11606/D.27.2008.tde-05072009-234006>

Souza, A. S. da P. (2016). Musicologia e seus caminhos: Um olhar sobre as pesquisas sobre mulheres musicistas no século XIX. In *Anais do XXVI Congresso da ANPPOM* (pp. 1-10). UEMG/UFMG.

Taubkin, M. (2007). *Violões do Brasil*. Editora Senac São Paulo.